

JOAQUIM CATUNDA E O PARADIGMA EVOLUCIONISTA

NIVIA MARQUES MONTEIRO¹**Apresentação**

Neste artigo, pretende-se discutir as concepções científicas de Joaquim de Oliveira Catunda com o objetivo de compreender a recepção do evolucionismo darwinista, desta forma, discutindo suas matrizes teóricas e as apropriações, para entender como essas questões nortearam os trabalhos deste intelectual e como as ideias evolucionistas foram interpretadas. Joaquim Catunda foi intelectual e político nascido no Ceará, autor do livro **Estudos de História do Ceará**, cuja primeira edição é de 1886, um dos fundadores do **Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará**, em 1887, como também senador da República.

A segunda metade do século XIX, na província do Ceará, foi marcada pela conformação de um debate entre os letrados de Fortaleza que buscavam construir uma “identidade cearense”, sintetizar uma história do Ceará, e assim, compreender o engendramento da sociedade que compunha aquela província para assim inseri-la em um processo “civilizatório”, de “desenvolvimento” e “progresso” da nação. Conforme Almir Leal de Oliveira, no final da década de 1880 havia no Ceará alguns trabalhos de caráter historiográfico que propunham sintetizar uma *História do Ceará* – como os de Capistrano de Abreu e Thomás Pompeu de Souza Brasil, e em um momento anterior à década de 1880, havia o estudo de Tristão de Alencar Araripe –, mas não havia um consenso entre eles. A escrita da história configurava-se naquele momento um lugar de disputa.

Essa ausência de uma narrativa convincente para os temas de história cearense mobilizou diferentes intelectuais a estabelecerem as convenções aceitáveis sobre o começo histórico do Ceará e de sua trajetória no tempo. Para uma sociedade que procurava se definir como nova, civilizada e moderna, a datação de suas origens, dos marcos de sua singularização, [p.12] representava a possibilidade concreta de municiar-se de referências identitárias e, a partir de uma cruzada pela delimitação de seu passado, definir-se num presente incerto, estabelecer as escolhas que definiriam suas formas e contornos dentro da nacionalidade pretendida. (OLIVEIRA, 2001: 11 e 12)

¹ MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. BOLSISTA CAPES-REUNI.

Esses debates de análise da sociedade e de interpretação de uma história “cearense” teriam como aparato as ideias de cunho evolucionista e racialista elaboradas na Europa em meados do século XIX, e ressignificadas pelos intelectuais no Brasil. A historiografia contemporânea aponta que a década de 1870 foi um momento propício para a chegada e circulação dessas ideias no Brasil, momento em que diversos indivíduos e instituições, enfim, meios intelectuais se apropriaram dessas ideias das mais diferentes formas. Renato Ortiz² e Lilia Moritz Schwarcz³ afirmam que três teorias teriam ressonância entre aquela intelectualidade: o positivismo de Auguste Comte, o darwinismo social e o evolucionismo de Spencer (ORTIZ, 2006:14). Schwarcz ressalta a compreensão da apropriação destas ideias no Brasil não como meras reproduções dos modelos europeus, mas compreender a historicidade destas ideias, percebendo as especificidades dos trabalhos que levantaram essas questões.

Nesta conjuntura, uma das formas de produção e veiculação de um determinado discurso historiográfico foi a criação do **Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará**, em 4 de março de 1887, na cidade de Fortaleza. Entre os fundadores do **Instituto**, encontrava-se Joaquim de Oliveira Catunda, um dos intelectuais que fomentava as discussões sobre a sociedade que formava a província do Ceará, e buscava através do discurso historiográfico por em prática um *projeto intelectual civilizador da sociedade cearense* (OLIVEIRA, 2001: 13). Nesse sentido, Joaquim Catunda insere-se nesse espaço compondo uma rede de letrados, que obtiveram como resultado a edificação do **Instituto**, no qual viria a cumprir, naquele momento, um projeto intelectual. Justamente em um momento de fronteira tanto no que diz a produção intelectual como também no âmbito econômico e político no Ceará.

Antes da fundação do **Instituto**, Catunda já demarcava seu espaço intelectual com a publicação do livro **Estudos de História do Ceará**, em 1886. Além de arremeter uma possível narrativa para a então província do Ceará, Catunda, sobretudo, propunha pensar algo mais, uma leitura mais científica em relação à sociedade, não apenas em relação à ciência História em si, mas delineava uma discussão em relação à ciência em um âmbito maior. Como membro do **Instituto**, publicara dois artigos na revista da instituição, **Origens Americanas -**

² ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Imigrações Prehistoricas e As Evoluções do Clima, nos anos de 1887 e 1888, respectivamente, nos quais seguiu a mesma linha de interesse de seu livro.

A produção intelectual de Joaquim Catunda situa-se na década de 1880, momento em que essas ideias estavam em debate no Brasil, em diversos espaços e instituições. Os trabalhos de Catunda oferecem indícios que o insere no debate evolucionista, e que o diálogo elaborado por ele fora além das ideias recepcionadas apontadas por Ortiz e Schwarcz. As questões levantadas por Catunda são demarcadas por conceitos de evolução, seleção natural, raça, meio, entre outros. Nesse sentido, as discussões propostas pela figura de Joaquim de Oliveira Catunda proporcionam reflexão e compreensão da recepção de ideias evolucionistas.

Joaquim Catunda e o evolucionismo darwinista

No final do século XIX, diferentes paradigmas foram gestados na forma de compreensão do mundo e da própria humanidade, principalmente no que se refere ao modo que cientistas, filósofos, pensadores em geral estavam refletindo as mudanças do espaço natural e da sociedade, a partir principalmente de uma noção evolucionista. Por vezes a alcunha de evolucionista, no consenso comum, esteve ligada ao naturalista Charles Darwin e ao livro **A Origem das Espécies** (1859), desta forma, evolucionismo tornou-se sinônimo de darwinismo, termo cunhado pelo biólogo britânico que fora um dos maiores entusiastas da teoria da evolução de Darwin: Thomas Henry Huxley⁴. Ora, por mais que o pressuposto básico da teoria de Darwin tivesse sido a ideia de evolução, o darwinismo não era a única dentre as ideias correntes no século XIX que defendia este conceito. Segundo Raymond Williams, o sentido moderno *de* evolução foi se configurando, principalmente, entre os estudos biológicos.

O que ocorreu, então, na biologia, foi uma generalização do sentido de desenvolvimento (expor plenamente) de formas imaturas para formas maduras e, em especial, o sentido especializado de desenvolvimento de organismos 'inferiores' para organismos 'superiores'. Desde o final do S18 e início do S19, o sentido de processo natural geral – uma história natural por sobre e para além dos processos naturais específicos – tornava-se cada vez mais conhecido. Estava explícito na menção feita por Lyell à evolução dos animais terrestres em 1832, e Darwin referiu-se a ele em A Origem das espécies (1859) como aceito 'em nossos dias' por 'quase todos os naturalistas' 'sob alguma forma'. Em 1852, Herbert Spencer definiu a

⁴ Gualtieri em nota de rodapé: “Lembro que o termo darwinismo foi cunhado por T. H. Huxley, em 1864, para se referir às ideias de Darwin.” In: GUALTIERI, Regina Cândida Ellero Gualtieri. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008. Página: 201.

teoria geral da evolução desde formas inferiores até formas superiores de vida e de organização. (WILLIAMS, 2007: 166 e 167)

A noção de evolucionismo e as ideias com esse caráter não estavam apenas associadas à compreensão do “mundo natural” a partir do campo biológico, mas indubitavelmente o evolucionismo foi aplicado para pensar uma realidade social. Assim como Darwin, outros estudiosos aceitariam a noção de evolução em seus estudos, entre eles pode-se citar Jean-Baptiste Lamarck (1744 - 1829) e Alfred Russel Wallace (1823 - 1913), anterior e contemporâneo a Charles Darwin, respectivamente. Além dos então citados, outros defenderam alguns pressupostos da teoria de Darwin, como Thomas Henry Huxley, Ernst Haeckel e Herbert Spencer. Segundo Gualtieri, os principais intelectuais divulgadores das ideias evolucionistas no Brasil teriam sido: José de Araújo Ribeiro, Domingos Guedes Cabral e Augusto de Miranda Azevedo. Institucionalmente falando podemos citar os membros e as publicações científicas do **Museu Nacional** que atendiam as questões evolucionistas.

A concepção que a vida estava em permanente transformação foi percebida por estes estudiosos, mas variavam as formas explicativas dessas mudanças. Houvera uma necessidade de elaborar teses que esclarecessem quais os mecanismos que regiam tais transformações. Por exemplo, Charles Darwin defendeu o princípio da evolução por seleção natural. Para Darwin, a seleção natural seria um mecanismo natural de adaptação das espécies em um ambiente em constante transformação (MAYER, 2005: 101). Com relação ao darwinismo, concordando com Ernst Mayer, o paradigma evolucionista de Darwin era composto por cinco teorias: A inconstância das espécies ou evolução propriamente dita; descendência comum; caráter gradual ou gradualismo; especiação populacional ou multiplicação de espécies e a seleção natural. (MAYER, 2005: 115)

É nesse ponto que entra a questão principal deste trabalho, problematizar as concepções científicas de Joaquim de Oliveira Catunda com o objetivo de compreender a recepção de ideias europeias de cunho evolucionista e racalista na segunda metade do século XIX – como o darwinismo e outras teorias evolucionistas –, discutindo suas matrizes teóricas e as apropriações, para entender como essas questões nortearam os trabalhos deste intelectual e como as ideias evolucionistas foram interpretadas. Desta forma, o termo *evolucionismo* será operado abrangendo as ideias que admitiam a evolução. Em um primeiro momento, a partir de um método comparativo de cruzamento dos pressupostos de Joaquim Catunda e Charles

Darwin. Esta articulação entre Catunda e Darwin será colocada tendo em vista compreender como ele dialogou com o evolucionista darwinista.

A opção pelo evolucionismo darwinista como parâmetro de comparação reside, fundamentalmente, pelo vocabulário conceitual utilizado por Catunda similar ao de Charles Darwin. Certamente, destaca-se a publicização das ideias de Darwin como um ponto de inflexão na concepção de evolução. Em suas publicações, Catunda não se declara propriamente um evolucionista e nem tão pouco a historiografia o identificou de tal modo, mas há indícios com os quais se podem identificar seu posicionamento e adesão a ideia de evolução. Ele deixa claro que os avanços na ciência naquele momento estavam diretamente atrelados ao desenvolvimento dos estudos evolucionistas, referindo-se aos desenvolvidos por Darwin e Haeckel.

Recuados assim os limites da história, batida pela evidencia dos factos a autoridade da revelação, quis o espirito conhecer o homem antes de todo o estado social, nos primeiros tempos de aparecimento sobre a terra.

A geologia, estudando a formação das camadas telúricas, a paleontologia, reconstruindo pelo estudo dos fósseis a fauna e a flora das primeiras idades do globo, derramaram uma luz imensa sobre a questão. As sábias investigações de Darwin na Inglaterra, os profundos trabalhos de Heckel na Alemanha, a indagação paciente dos anthropologistas de todos os países civilizados, solveram afinal o problema, tanto tempo embaraçado de extranhas considerações theologicas. (CATUNDA, 1919: 6)

Tudo leva a crer que o Catunda não apenas estava ciente do debate evolucionista, como teve acesso aos trabalhos do naturalista inglês, certamente leu **The Descent of man and selection in relation to sex**⁵ (1871). Para além disso, tentou aplicar uma perspectiva evolucionista à sua narrativa sobre uma história do Ceará, como também a respeito do próprio surgimento da vida. Nesse sentido, procurava entender como se deu o desenvolvimento da vida no continente americano, não apenas da espécie humana. Desta forma, emerge a seguinte questão: afinal, onde e como Catunda refere-se à evolução? Para a análise crítica dos trabalhos de Catunda, foram identificados os conceitos próprios do evolucionismo darwinista, com o objetivo de perceber como foram interpretados e operados.

Em 1888, no artigo **As evoluções do clima**, Catunda expôs o seguinte questionamento: “Foi sempre, desde os primeiros ensaios da vida na superfície do planeta, o que actualmente é, ou se-há modificado gradualmente até assumir as feições de hoje?”

⁵ A descendência do homem e a seleção sexual.

(CATUNDA, 1888: 15). O trabalho se inicia com uma explanação baseada em conhecimentos astronômicos e geográficos que objetivava compreender as causas das diferenças climáticas em torno do globo terrestre. Por que a questão do clima era algo importante a ser discutido? Possivelmente por ser considerado pelos estudiosos de história natural um fator importante para a diversidade biológica de cada meio, quer dizer, uma interferência eficiente das mudanças climáticas sobre as transformações do meio e conseqüentemente das espécies. Uma temática de assumida importância no meio científico naquele período. Expôs também estudos desenvolvidos pela paleontologia botânica, como a análise de fósseis vegetais, para corroborar seus comentários a cerca do clima.

Todos os fenômenos acham sua explicação nas evoluções do clima. A uniformidade inicial foi alterada por diferenciações lentas, porém progressivas e cada vez mais acentuadas. Pergunta-se agora: a evolução terá chegado ao seu termo? A terra oferecerá sempre, d'ora em diante, condições de habitabilidade aos seres que actualmente a povoam? (CATUNDA, 1888: 20)

*Foi no imenso do oceano original que o sêr manifestou os primeiros atributos da vida, em organismos simples, unicelulares, uniformes em seus aspectos como em sua modalidade, e dos quaes haviam de sair um dia o mastodonte, o baobab e o homem. Em virtude do movimento que Brown chamou terripeto, esses organismos primitivos se foram **adaptando** ao sólo á medida que exondava o elemento solido (5). E' nos terrenos mais antigos que se encontram os fósseis d'esses primeiros esboços da vida, aos quaes se deu o nome de eofoon. Esses terrenos primitivos, de muito maior antiguidade do que os que têm por typo o cambriano inglez, é sobretudo na America que se encontram, medindo em alguns logares doze quilômetros de potencia vertical. Este algarismo, diz Gaudry, representa um lapso de tempo, que espanta a imaginação. Foi, pois, a America o continente que primeiro exondou, e onde **a vida primeiro se adaptou ao elemento solido**. Aqui evoluiu nos tempos nos tempos primários e secundários, em uma riquíssima serie de formas animaes e vegetaes, idênticas umas, análogas outras ás dos outros continentes. De grandes transformações climatológicas foram os tempos terciários; por mais de uma vez se alteraram profundamente os relevos dos continentes e a direção das linhas isothermicas. Foi então que desapareceram os grandes mamíferos, quando já aflora tropical que cobria o centro da Europa começava a **luctar** com as essenciais das zonas temperadas, que emigravam das regiões circumpolares, em virtude do abaixamento da temperatura, prenuncio d'esse grande inverno kosmico que se chamou período glaciário. (CATUNDA, 1919: 20)*

Com relação ao primeiro pressuposto, a evolução propriamente dita ou a inconstância das espécies, pelo o que tem sido observado desde seu livro **Estudos de História do Ceará**, de 1886, é perceptível um alinhamento por parte de Catunda à teoria da evolução em relação ao “mundo natural”. A evolução consiste em um “processo permanente de transformação”, em contraposição a uma compreensão de fixidez da vida, onde os seres vivos teriam sido criados ou “surgiram” em um mesmo momento e não sofreram modificações ao longo do

tempo. A interpretação de Catunda com relação aos primórdios da vida permite alcançar uma percepção de um mundo em contínua transformação, ou para ser mais preciso, ele tinha uma compreensão que a Terra sofreu alterações, além disso, possuía uma interpretação evolutiva dessas transformações. Uma de suas referências foi o livro **Les Mondes des plantes avant l'apparition de l'homme** (Mundos de plantas antes do aparecimento do homem) do paleobotânico francês Charles Louis Joseph Gaston de Saporta (o Marquez de Saporta).

Nessa grande época geológica o homem não existia ainda, mas sim um sêr já bastante inteligente para lascrar a pedra e petiscar o fogo. Era o anthropopithecus, nosso imediato antecessor. Os documentos d'essa época, encontrados na America, acusam a evolução mais adeantada, a transmutação quase realizada do irracional no racional. (CATUNDA, 1919: 21)

Sua compreensão quanto ao homem também esteve marcada por uma noção evolucionista. Suas referências são os trabalhos: do arqueólogo e antropólogo francês Louis Laurent Gabriel de Mortillet (1821 - 1898), **Le préhistorique antiquité de l'homme**⁶ (1883); do geólogo e paleontólogo francês Jean Albert Gaudry (1827 — 1908), **Les enchainements du monde animal**⁷ e do geólogo e paleontólogo estadunidense John Wells Foster (1815 – 1873), **Prehistoric Races**⁸, precisamente o capítulo **Parallelism as to the antiquity of man i two hemispheres**⁹.

Catunda afirma:

A humanidade vem de longe. No tempo, se remonta ao post-pliocene terciário, princípios do quartenario; dão-lhe calculos moderados duzentos e quarenta mil de existência; dão-lhe cálculos moderados duzentos e quarenta mil anos de existencia. No espaço, appareceu sob as latitudes em que sofreram condições mesológicas que o sêr, em evolução ascendente, attingisse aos atributos característicos da espécie. Na fôrma, evoluiu através de diferentes typos ancestraes, desde a monera até ao typo actual. (CATUNDA, 1919: 6 e7)

Precedentemente foi o homem um anthropomorpha que se aperfeiçoou de um lado, quanto á marcha e estação bípede, e de outro quanto ao desenvolvimento do systema nervoso e á capacidade craneologica. Foi a penúltima forma ancestral a do anthropopithecus dos tempos terciários, da qual sahiiu o homem actual, nos princípios dos tempos quaternários. (CATUNDA, 1919: 7)

Outra questão percebida é que na compreensão do autor o homem também passou por modificações até chegar ao tipo atual, tal percepção remete ao debate empreendido por Darwin com relação ao fato da espécie humana atual, assim como outras espécies,

⁶ A antiguidade pré-histórica do homem

⁷ Os combos do mundo animal.

⁸ Raças pré-históricas.

⁹ Paralelismo quanto à antiguidade do homem em dois hemisférios.

possivelmente ser um “descendente modificado de alguma forma preexistente.” Cita como referência para tal afirmação Gabriel Mortillet, supracitado e usado por Catunda como referência de outras questões. Charles Darwin levantou essa questão propriamente em relação à humanidade, no livro **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Na primeira parte, ele analisou tanto as estruturas físicas quanto a capacidade mental humana para demonstrar se o homem descenderia ou não de outra forma “inferior”. Interessante que Darwin para abordar a variação das faculdades mentais de uma mesma espécie utilizou como sustentáculo a argumentação que os povos colonizados, designados por “selvagens”, mesmo os “selvagens mais primitivos”, Darwin cita os fueguinos como exemplo, tinham capacidade mental basicamente semelhante aos “civilizados”, e notou que não existia nenhuma diferença fundamental entre o homem e os mamíferos ditos superiores, por conseguinte levanta a premissa que somente teria sido possível o homem desenvolver uma capacidade mental elevada de forma gradativa. Foi possível através da análise de seus escritos, portanto, localizar uma referência comum entre Joaquim Catunda e Charles Darwin com relação aos “nativos”, o trabalho **Prehistoric Times** (Tempos pré-históricos) de John Lubbock (1834 - 1913), vizinho e protegido de Darwin (DESMOND, 2008: 501).

Percebe-se que a afirmação de que o mundo estava evoluindo, se transformando, inclusive o homem, e que este advinha de um ancestral “primitivo”- como afirmou Catunda um antropomorfo - abalaria, naquela época, com uma noção, para ser mais preciso, uma crença que o homem fora criado por um deus e mantivera a mesma forma desde a criação.

A teoria da evolução, proposta por Darwin e Wallace, tem como pilar o tempo. A evolução por seleção natural atua em milhões de anos, não em poucos milhares de anos. Ela introduz a história no mundo biológico. Não a história das culturas ou uma história do homem, mas uma história que tem um tempo muito maior que o tempo da História. E esta história não pode ter a dimensão antropocêntrica, pois, em última análise, a teoria da evolução tira o homem de seu lugar privilegiado e dá a ele um veredicto de desaparecimento. (DOMINGUES, 2003: 13)

Um ponto de fundamental importância na leitura de Catunda, e que conseqüentemente o insere no debate evolucionista é precisamente sua “consciência de um tempo profundo” (DOMINGUES, 2003: 13). Henrique Lins de Barros, no prefácio de **A recepção do darwinismo no Brasil**, chama atenção para algo fundamental: a percepção de uma longa duração quebra com a crença que o mundo fora criado de acordo com a cronologia bíblica,

isso levar a crer que Catunda estava informado a respeito dos estudos geológicos, enfim, e corroborava com eles.

Mas é puramente modal o trabalho da evolução e se realiza sobre o fundo imutabil da unidade substancial do ser infinito e uno, apesar da infinita variedade de formas que reveste na esfera da natureza phenomenica. Na fragmentação aparente do cosmos, na dispersão illusoria da vida universal, representam os sêres finitos formas, typos, modos do sêr infinito, que os abandona por uma forma mais adequada, por um typo mais perfeito. A longa série de typos ancestraes são apenas momentos d'esse processos evolutivo do sêr através da natureza animal para atingir o estado de perfeição ideal. As lutas dos povos e das nacionalidades, os progressos da civilização, as agonias do espirito nas investigações da sciencia, as atribuições do divino graduam a intensidade d'esse trabalho interior e contínuo. (CATUNDA, 1919: 7)

Outra observação são suas percepções com relação à evolução da sociedade. Estava colocada a questão da variabilidade das espécies ou diversificação das espécies, como também o próprio processo pelo o qual as sociedades ou povos deveriam passar. As análises do autor com relação à humanidade podem ser percebidas melhor em sua apreciação com relação aos povos indígenas da América, precisamente no segundo capítulo **Habitantes primitivos**, onde concentra-se na descrição dos hábitos e costumes daqueles povos quando da chegada do colonizador nos séculos XV e XVII, e no capítulo VI, intitulado **Povoamento do Ceará – aldeamentos – fusão das raças—eliminação dos elementos irreductiveis**.

Representantes de duas raças inferiores, condemnadas a nunca se elevarem na escala da humanidade, não são o negro e o índio do mesmo valor sociológico; a muitos respeito o primeiro é superior ao segundo. N'aquelle, a ferocidade é mais intensa, n'este, mais covarde e atraçoada. O negro crê; seus fetche, com revestir fórmias hediondas, symboliza sempre alguma cousa que transcedde ao grosseiro materialismo de seus instictos animaes. O caboculo teve sempre a alma cerrada á crença; seus manitós caíam sob a categoria das coisas abjetas. O africano manifesta uma grande força de resistência e mantém com energia perseverante o typo da raça onde quer que viva ao lado do branco, assimilando seus usos e costumes: o índio desaparece pela acção da morte quando em relações com a raça superior, ou perde logo, pelo cruzamento, seus caracteres ethnicos. Em geral, no Brasil, os mestiços em que predomina o elemento africano, têm mostrado mais aptidão para as letras e para a política do que os outros em que predomina o elemento indiano. No Ceará, estes últimos já pouco relembram, no perfil, o typo ancestral do tapuia; ainda muito, porém, nas feições da mente e nas relações da vida social. Como autoridade, os descendentes das filhas d'Africa não se despem de certa gravidade no exercício do cargo; os das tapuias são em todas as situações igualitários e anarquistas, e quando, investidos de funções públicas, escandalizam pela desídia e envelhecimento. Esses predicados que distinguem os mestiços das duas raças na esfera da vida política não são eventuais; são manifestações das aptidões de cada uma d'elas transmitidas pela hereditariedade e modificadas pela civilização. Todos os governos africanos são despóticos; o negro transmite seus aos seus descendetes o sentimento da subordinação que póde se converter em elemento de ordem. Todos os governos tupinambás eram nominaes; á sua descendencia

transmitiu o índio não o sentimento da liberdade sinão o da independência e da igualdade. As fôrmas de governo livre nunca se desenvolverão n'África pela acção isolada da evolução; um governo regular fora absolutamente impossível entre as tribos do Brasil, em qualquer estado. Negros e tapuias, igualmente incapazes o exercício varonil da liberdade politica. (CATUNDA, 1919: 71 e 72)

Pelo o que se tem observado nas fontes, outro indício que aproxima Catunda do evolucionismo darwinista é a utilização de dois conceitos pertencentes às leis fundamentais da teoria de Darwin: hereditariedade e descendência. A hipótese de Darwin consiste na herança de caracteres adquiridos de um indivíduo poderiam ser transmitidas aos descendentes pela hereditariedade como um mecanismo de adaptação. Charles Darwin elucida que: “[...]. Dois elementos distintos estão englobados dentro do conceito de hereditariedade, a saber: a transmissão e o desenvolvimento de caracteres” (DARWIN, 2004: 184). Em **Estudos de História do Ceará**, Joaquim Catunda aplicou a hereditariedade e descendência com relação à transmissão de caracteres bem peculiares, no caso de cunho moral, cultural, enfim. É interessante notar que Catunda defendeu a transmissão de determinados caracteres por meio da hereditariedade, ao passo que dependendo das condições na sociedade, havia a possibilidade de tais caracteres serem modificados.

Em dois momentos, analisando a sociedade presente nos séculos XVII e XVIII, argumentou que o elemento “índiano” desapareceria quando do cruzamento com uma “raça superior”. Sustentou-se uma argumentação biológica. Ele afirmou que fisicamente não é possível reconhecer os caracteres indígenas na população cearense de sua época, apenas morais. Num primeiro momento, quando traçou um paralelo com o “elemento africano”, defendeu que enquanto o negro mantinha, os indígenas perdiam seus caracteres étnicos, depois quando afirmou que o mestiço não aceitava o cruzamento com “índios puros”.

Não abria exceção no Ceará a lei da seleção natural; os descendentes d'aquelle cruzamento recusavam unir-se aos índios puros. Assim as aldeias se convertiam em povoados, e uma nova raça surgia á medida que se ia apagando o typo indiano. No fim do século XVIII contava já a província muitas povoações em todas as direcções. (CATUNDA, 1919: 76).

Passou a raça tupica. Perante o tribunal da consciência humana houve crime ou doloroso cumprimento do dever n'essa guerra de extermínio a criaturas em codições grandemente desvantajosas para a lucta? Os philanthropos optarão pela primeira, pela segunda os políticos. A mim me parece que houve apenas a consumação de uma lei necessária, que em todos os tempos, em todos os continentes, tem regido os destinos dos povos, nas condições em que se achavam

colonos e tapuias. O futuro da civilização pode ser retardado, mas nunca anulado pela acção dissolvente de sêres incapazes de progresso.

A humanidade caminha sempre, n'esse caminhar indefinito, em que o sêr realiza o processos evolutivo através das fôrmas sociaes, quebra os obstáculos, esmaga as resistências. Desaparece o que não tem mais rasão de ser. No Ceará era finda a missão tapuia. A raça tinha percorrido todas as estações da civilização de era capaz, a vida se retirava ao typo indiano, e eles mesmos se teriam já devorado uns aos outros, si não fora ainda descoberta a America. ≤O período da pedra, do bronze e do ferro não são estações necessárias aos progressos da humanidade; mas a experiência mostra que quando se encontram duas raças colocadas nos extremos, a menos adeantada retrográda e desaparece≥. (CATUNDA, 1919: 78).

No sexto capítulo, **Povoamento do Ceará – aldeamentos – fusão das raças – eliminação dos elementos irreductíveis**, Joaquim Catunda dedicou-se a pensar sobre século XVII e XVIII, momento posterior à desocupação holandesa, especificamente no período dos aldeamentos indígenas. Catunda descreveu os eventos e as expedições realizadas contra os índios. A fonte oferece indícios que Catunda possuía uma leitura evolutiva da história do Ceará, onde sua concepção de raça está intrinsecamente ligada à ideia de evolução. Primeiramente, quando o autor utilizou-se de outro termo e conceito próprio do debate evolutivo, especificamente darwinista, como por exemplo: o princípio da seleção natural para o caso do Ceará. Aplicou a ideia de seleção natural para explicar o “desaparecimento” da “raça tupica” ou “tipo indiano”, o qual seria uma etapa da ação evolutiva. São apontados diversos fatores para justificar como a lei da seleção natural agiu com relação ao “elemento indiano”: os aldeamentos, a perseguição e massacre dos povos indígenas, mas também devido a recusa por parte dos mestiços de “unir-se aos índios puros”, foi um dos elementos que segundo Catunda fizera surgir uma “nova raça”, o mestiço, e conseqüentemente a extinção da “raça tupica”. Catunda não utiliza propriamente o termo extinção, mas eliminação, apagamento.

Classificou os povos entre raças e tipos, de modo a hierarquiza-los. Segundo Peter Bowler, a noção de hierarquização racial foi elaborada antes das formulações de Charles Darwin, mas o mecanismo de sobrevivência do mais forte acabou servindo de aparato para explicar “desaparecimento” das “raças inferiores”, principalmente durante o período neocolonial em fins do século XIX; conforme Gould a hierarquização racial era uma “crença socialmente compartilhada”. (GOULD, 1991:21). No caso de Catunda justifica sua reflexão em torno do “apagamento” da “raça tupica” ou “tipo indiano”, como condição natural do processo evolutivo, ou seja, o elemento indígena foi aniquilado pelo “elemento branco” porque eram “seres incapazes de progresso”, por isso Catunda no título do capítulo disse:

eliminação dos elementos irreductíveis; segundo o autor, a “raça tupica” tinha que passar, porque era um elemento menos adaptado daquele novo tipo de organização social. O mecanismo da seleção natural era visto como mais plausível para a compreensão da evolução social do Ceará. Nesta reflexão, Catunda tem como referência teórica o livro **Prehistoric Man**, do arqueólogo e etnólogo Daniel Wilson, cuja 2ª edição é de 1865. Na década de 1880 teria sido um dos principais interpretes das pesquisas científicas de Charles Darwin.

Ora, para encerrar nossa reflexão: quais as implicações de Catunda aplicar a noção de seleção natural à espécie humana? Qual o debate em relação a esta questão naquele momento? Nota-se uma aplicação do evolucionismo darwinista a uma teoria de raças.

Ao avaliarmos o alcance da influência exercida pela ciência nas ideias sobre raça nos séculos XVIII e XIX, devemos, em primeiro lugar, reconhecer o contexto cultural de uma sociedade cujos líderes e intelectuais não duvidam da pertinência a hierarquização social, como os índios abaixo dos brancos, e os negros abaixo de todos os outros. Os argumentos não contrastavam igualdade com desigualdade. Um grupo – que poderíamos chamar de ‘linha dura’ – afirmava que os negros eram inferiores e que a sua condição biológica justificava a escravidão e colonização. Outro grupo – os de ‘linha branda’, por assim dizer – concordava que os negros eram inferiores, mas afirmava que o direito de uma pessoa à liberdade não dependia do seu nível de inteligência. (GOULD, 1991: 18)

Na análise de Joaquim Catunda sobre as bandeiras empreendidas, as alianças entre as “raças” branca, negra e indígena seriam o início da fusão dos “diversos elementos étnicos” para formação da população oitocentista. Neste trecho o autor forneceu uma descrição das expedições de conquista possivelmente organizada pela Casa Torre localizada na Bahia, especificamente uma bandeira que percorreu a região do Cariri. Falando da composição da bandeira em questão, Catunda chama a atenção para a presença de um negro como guia em tal expedição. O negro mantinha uma aproximação com indígenas da etnia Cariri, designada por Catunda de horda dos carirys. Catunda utilizou-se de uma metáfora do mundo natural para falar da associação: “Era a aliança do tigre africano com a jaguar da América do Sul.”(CATUNDA, 1918:71). Empregou tal exemplo para falar da questão do negro e do indígena. É interessante notar a tendência de Catunda em pensar as duas “raças” em termos hierárquicos, para ele, apesar de supor que ambas as raças fossem inferiores com relação aos europeus, o negro estaria em uma posição superior ao “índio”, no diz respeito ao seu valor “sociológico”, diferentemente de autores com Agassiz, que afirmavam que o negro estaria no último nível da “escala hierárquica das raças” (GOULD, 1991:34).

REFERÊNCIAS E FONTES

CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. Fortaleza. Tipo Litografia Gadelha. 1919. 2º Edição.

CATUNDA, Joaquim. **Origens Americanas - Imigrações Prehistoricas**. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza. Typographia Econômica, 1887, Tomo I.

CATUNDA, Joaquim. **As Evoluções do Clima**. In: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Fortaleza. Typographia Econômica, 1888, Tomo II.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Editora Martin Claret, 2004.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a seleção sexual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWLER, Peter. **Evolution: The history of an idea**. 1989.

DOMINGUES, Heloisa Bertol Domingues (Org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

_____. **O homem, as ciências naturais e o Brasil no século XIX**. In: Acervo (Revista do Arquivo Nacional), Rio de Janeiro, v. 22, no 1, p. 167-178, jan/jun 2009 - pág. 167.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero Gualtieri. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus 1870 – 1915**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876 - 1939)**. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo: 2008.

MAYER, Ernst. **Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e Poder – O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX**. São Paulo: Dissertação de Mestrado PUC – SP, 1998.

_____. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914)**. 2001. São Paulo: Tese de Doutorado PUC – SP, 2001.

_____. **Universo letrado em Fortaleza na década de 1870**. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (org.). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5º ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 - 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.